

O poeta, a poesia e a ocupação do espaço urbano – o caso de Recife

Poet, poetry and urban space occupation - a Recife case

Milena Karine de Souza WANDERLEY*

UFMS

* Doutoranda em Letras - Estudos Literários (doutorado) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, campus I, Três Lagoas - MS. E-mail: milena.wanderley@gmail.com.

Resumo: Dentre as relações que o indivíduo pode estabelecer com o espaço, a ocupação dele é uma das noções subjacentes para o estabelecimento dos movimentos de territorialização. No contexto do espaço urbano, as relações de poder se configuram de forma a construir paisagens *sui generis* nas quais o indivíduo fundamenta sua noção de lugar, de pertencimento, à medida que as vivências vão permitindo a interação com o espaço cuja multiplicidade aponta para uma experiência concomitantemente individual e coletiva. Posto isto, procuraremos, através da presente análise, observar de que forma essa relação com a ocupação do espaço urbano pode estar implicada na arquitetura poética de artistas como Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Alberto da Cunha Melo, Malungo e Chico Science chegando até Siba, cujo poema: “Marcha Macia” (2015) dialoga com os demais poetas no que diz respeito à forma como o espaço urbano é imagético e poeticamente construído desde a observação dos impactos socioambientais provocados pelos grandes empreendimentos e que tem inquietado estudiosos e artistas que pensam o urbano. Para tal, buscaremos esteio na fenomenologia que alicerça o conceito de geopoética em Pageaux (2011), na sua obra de ensaios *Musas na Encruzilhada*, nos conceitos referentes ao “Vivenciamento das fronteiras externas do homem” construídos por Mikhail Bakhtin (2003) em *Estética da Criação Verbal*, bem como nos textos que tratam dos processos de ocupação do espaço urbano.

Palavras-chave: Geopoética; Espaço Urbano; Poesia; Recife.

Abstract: Among the relationships that the individual can establish with the space, his occupation is one of the underlying assumptions for territorialization movement's establishment. Among the relations that the individual can establish with the space, the occupation of it is one of the underlying notions for the establishment of the movements of territorialization. In the urban space context, power relations are configured in order to build landscapes *sui generis* in which the individual bases his place and belonging sense, as the experiences will go allowing the interaction with the space whose multiplicity points to an experience concomitantly individual and collective. According to this (That being said), we will seek, through this analysis, observe how this relationship with the urban space occupation may be implicated in the poetic architecture of artists such as Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Alberto da Cunha Melo, Malungo and Chico Science coming until Siba, whose poem “Marcha Macia” (2015), dialogues with other poets in regard to the way how urban space is imagistic and poetically built from the observation of social and environmental impacts caused by large enterprises and that have troubled scholars

and artists who think the urban. For such, we will seek mainstay in phenomenology that founds the concept of geopoetic in Pageaux (2011), in historical work of *Musas na Encruzilhada*, the concepts relating to “Experiencing the external borders of man” built by Mikhail Bakhtin (2003) in *Estética da Criação Verbal*, as well as in the texts that deal with the urban space occupation processes.

Keywords: *Geopoetic; Urban Space; Poetry; Recife.*

Poesia e espaço urbano: São Paulo/Recife, Mário de Andrade/ João Cabral

A obra é como a metáfora de uma cultura, de uma sociedade, e, sobretudo, de um imaginário individual, do artista, do escritor. Individual, até certo ponto, posto que será sempre possível integrar o escritor em uma família de pensamentos, de sensibilidades, em uma opção estética particular, em uma “série” de obras comparáveis. (PAGEAUX, 2011, p. 78)

A forma como o indivíduo se relaciona com o espaço é, certamente, o ponto de partida para vários estudos nas diversas vertentes do conhecimento que se constrói desde a filosofia grega até os nossos dias. De amplo alcance transdisciplinar, a noção de espaço não se constrói de acordo com uma única perspectiva, mas, ao contrário disso, é resultado de relações diversamente estabelecidas, contudo, observáveis em suas naturezas únicas. Dentro desse universo multidisciplinar, a noção de espaço foi aperfeiçoada para a permissão de análises que acabaram não só por aprofundar os conhecimentos acerca do mundo, mas também do indivíduo. E é diante da perspectiva geográfica e literária que se propõe, fenomenologicamente, analisar, com base no comparativismo proposto por Pageaux (2011), como se dá a construção imagético/literária do espaço urbano em três poemas contemporâneos, bem como ampliar as discussões em torno da relação do indivíduo com o espaço urbano recifense através da poesia.

Dentro da Teoria Literária, o conceito de espaço é ampliado e ultrapassa o valor empírico. Na literatura, a noção espacial é fruto da relação que o autor/criador tem com o seu próprio referencial de espaço e é também o ponto de partida para arquitetura estético/imagética nas diversas formas composicionais de natureza literária. Tal relação é estudada, nesse sentido, fenomenologicamente, pois

Só a fenomenologia — isto é, o levar em conta a *partida da imagem* numa consciência individual — pode ajudar-nos a restituir a subjetividade das imagens e a medir a amplitude, a força, o sentido da transsubjetividade da imagem. Todas essas subjetividades, transsubjetividades, não podem ser determinadas definitivamente. A imagem poética é essencialmente

variacional. Ela não é, como o conceito, *constitutiva*. (BACHELARD, 1978, p.194, grifos do autor).

Ou seja, dentro do texto literário a noção espacial é vital para que a diegese¹, por exemplo, se constitua de forma consistente. Todavia, esse espaço é intencionalmente criado para significar, junto com outros elementos, as intenções estético/discursivas de um determinado autor/criador que, por sua vez, está vinculado a um espaço/tempo específico na existência. E por assumir essa natureza “variacional” assinalada por Bachelard (1978), haja vista a natureza simbólica da linguagem, o espaço imagetivamente construído possuirá uma multirreferencialidade típica da arquitetura estético/literária, todavia, oferecendo dados para que se entenda como o indivíduo enxerga, assimila e ressignifica os espaços com os quais lida em seus poemas e narrativas, o que pode assinalar a relação geossimbólica proposta por Pageaux (2011). Fazendo a interrelação desejada entre a construção imagético/espacial literária e a referencialidade empírico-geográfica, segundo o estudioso, pode-se ter

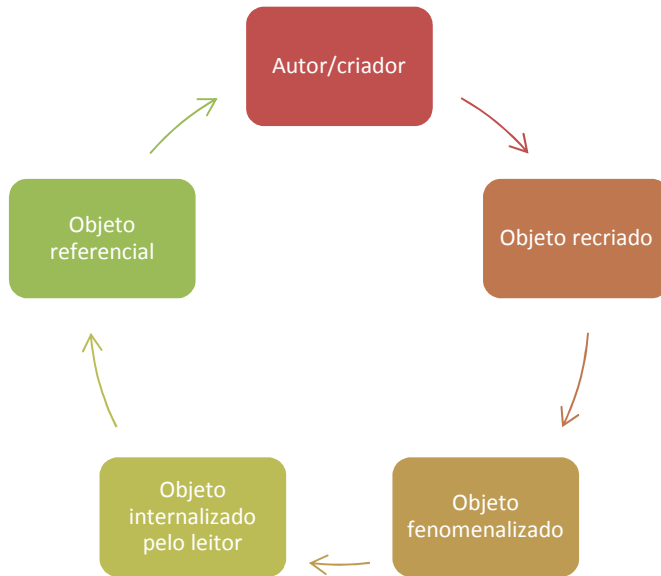
(...) três momentos possíveis para o exame das relações efetivamente reais (e, ao fim das contas, fecundas para reflexão crítica) entre literatura e geografia, ou entre literatura comparada e geografia. Esses momentos recortam os três níveis de uma reflexão de alcance teórico que já esbocei em diversas ocasiões: a) histórica, social e cultural; b) poética ou formal; enfim, c) imaginária ou simbólica. (...) Se refletirmos sobre o papel da literatura comparada no estudo do espaço, podem-se adotar, a meu ver, três orientações essenciais: a mitocrítica (mitificação de um espaço, em particular de uma cidade); a tematologia; a imagologia (imagens ditas autóctones versus imagens alógenas). (PAGEAUX, 2011, p. 80).

Seguindo esse caminho interdisciplinar proposto por Pageaux (2011), cabe-nos também o conceito de espacialidade de Milton Santos (2006) que vincula a construção do espaço aos diversos modos como o indivíduo se relaciona com ele em sociedade, ou seja, é a partir do conceito sócio espacial de Santos que entendemos a construção do espaço urbano como sendo composto por uma multirreferencialidade de experiências com a qual os poetas aqui analisados lidam na construção de seus poemas.

Da mesma forma que cabe à ciência geográfica o estudo do espaço de acordo com as relações que nele podem se estabelecer do ponto de vista humano e físico, cabe à teoria literária analisar de que forma essas relações são “estetizadas” para o alcance de determinado efeito de sentido, isso partindo de uma noção geral do que vem a ser estabelecido em relação ao conceito de espaço nessas duas ciências, já que, ao procurarmos aprofundar essas relações passamos a ter um vislumbre da multidimensão que se tem a explorar.

¹ “(...) aplicados por Gérard Genette à narrativa literária, considera-se diegese o conjunto de acontecimentos narrados numa determinada dimensão espaço-temporal (“l’univers spatio-temporel désigné par le récit”), aproximando-se, neste caso, do conceito de *história* ou *intriga*. Não se confunde com o relato ou o discurso do narrador nem com a narração propriamente dita, uma vez que esta constitui o “acto narrativo” que produz o relato.” (CEIA, Carlos. E-dicionário de Termos Literários. 2015, disponível em <http://www.edtl.com.pt/business-directory/6734/diegese/>, acessado em 12 de nov. de 2015)

Nesse sentido, diante da relação sujeito-objeto, no que tange ao procedimento de criação literária e considerando esse objeto como sendo parte constituinte do espaço, pode estabelecer o seguinte percurso:



Considerando que esse autor/criador é, provavelmente, um leitor, essa relação com o objeto assume uma configuração dialógica ainda mais profunda, já que o objeto estetizado que já foi recriado, fenomenalizado e internalizado pelo leitor pode se tornar um objeto referencial para a criação literária e seguir o ciclo novamente. Ou seja, no procedimento de criação estética, tanto o referencial da experiência no plano ético/pragmático quanto àquela que se constrói por meio da contemplação estético/literária podem estar implicados na construção imagética de outro objeto. Assim, se tomarmos o espaço como sendo esse objeto experienciado, recriado, fenomenalizado e internalizado dentro da obra literária, teremos o estabelecimento do fundamento que separa e ao mesmo tempo aproxima a geografia da literatura: a criação e a recriação estético/imagética, pois se a recriação imagética e ficcional está no escopo do literário, a experiência que o indivíduo estabelece com o espaço nos processos de territorialização e noção de pertencimento estão no escopo geográfico.

Fincando questionamentos sob a construção do indivíduo diante do espaço com o qual ele se relaciona no século XXI, chama-nos a atenção como as vivências em grandes centros urbanos têm sido o ponto de partida para a construção poética desde o início do século XX. E tratando-se do contexto brasileiro, percebe-se a partir do movimento modernista, tendo a *Pauliceia Desvairada* de Mário de Andrade (1987) como exemplo, uma emergência dos temas relacionados ao espaço urbano na poética de muitos

escritores que, em meio à caoticidade, se veem embebidos de imagens e experiências que podem, poeticamente, revelar como a urbanização pós-revolução industrial moveu e move à pena dos poetas. A saber, tem-se o poema “O domador” de Mário de Andrade como grave expressão do que se falou anteriormente, vejamos:

O domador
Alturas da Avenida. Bonde 3.
Asfaltos. Vastos, altos repuxos de poeira
Sob o arlequinal do céu oiro-rosa-verde...
As sujidades implexas do urbanismo.
Filés de manuelino. Calvícias de Pensilvânia.

Gritos de goticismo.
Na frente o *tram* da irrigação,
Onde um Sol bruxo se dispersa
Num triunfo persa de esmeraldas, topázios e rubis...
Lânguidos boticellis a ler Henry Bordeaux
Nas clausuras sem dragões dos torreões...

Mário, paga os duzentos réis.
São cinco no banco: um branco,
Um noite, um oiro,
Um cinzento de tísica e Mário...
Solicitudes! Solicitudes!

Mas... olhai, oh meus olhos saudosos dos ontens
Esse espetáculo encantado da Avenida!
Revivei, oh gaúchos Paulistas ancestramente!
E oh cavalos de cólera sanguínea!
Laranja da China, laranja da China, laranja da China
Abacate, cambucá e tangerina!
Guardate! Aos aplausos do esfusante clown,
Heróico sucessor da raça heril dos bandeirantes,
Passa galhardo um filho de imigrante,
Louramente domando um automóvel!
(ANDRADE, 1987, p. 92, grifos do autor)

As imagens que emergem do poema de Mário de Andrade delineiam um esquema de sensações que remete à caoticidade antes mencionada. A profusão imagética e de falares vem-nos ligeira como passam por nós as gentes e as coisas quando estamos olhando pela janela de um veículo em movimento. Nesse sentido, a poesia de Mário de Andrade reforça a seguinte ideia:

São Paulo, com o avanço da concentração populacional para outros escalões do sistema urbano brasileiro, reforça um modelo de urbanização que

amplia as diferentes magnitudes e complexidades de alguns centros em relação ao restante do urbano no País. (IBGE, 2015, p.14)

Das experiências com o esquema de ocupação urbana das grandes cidades, com o excesso de informações que bombardeiam constantemente os sentidos, os poemas de Mário de Andrade (1987) retratam mais do que uma impressão da “rápida urbanização, combinada com o avanço tecnológico sem precedentes no final do século XX” (GONÇALVES et al, 2012, p.2), eles revelam, sobretudo, a experiência do sujeito diante do fenômeno de crescimento urbano por meio de uma observação externa, como quem, de dentro, vê a si no mundo. Esse dado da construção literária de Andrade (1987) é o que Bakhtin (2003) em *Estética da Criação* verbal analisou como sendo “O vivenciamento das fronteiras externas do homem”, lá ele comenta:

Um elemento especial e sumamente importante na visão plástico-pictural do homem é o vivenciamento das fronteiras externas que o abarcam. Esse momento é inseparável da imagem externa e só é separável dela em termos abstratos, traduzindo a relação do homem exterior, uma aparência, com o mundo exterior que o abarca, o momento de limitação do homem no mundo. (BAKHTIN, 2003, p. 34)

Da *Pauliceia Desvairada* (1987) de Mário de Andrade, até *Crime na calle Relator* (2011) de João Cabral de Melo Neto, o espaço urbano é reconstruído como tema no modo de arquitetura poética de forma distinta, já que esse mundo em veloz transformação passou a ser a fonte das mais profundas inquietações, sejam elas diante do excesso de informação numa cidade que já no início do século XX erguia suas torres de concreto cuja malha urbana já era composta por veículos coletivos, particulares, comércio informal e imigrantes vindos das várias regiões do país, sejam elas diante de um espaço urbano composto por pontes, rios, igrejas, praças e boêmios, como Cabral retrata no seu poema “História de Pontes” publicado já em 1987:

1.
De onde o que foi todo o Recife
E hoje é só Bairro do Recife,

De onde de dia, bancos, bolsas,
E à noite prostitutas louras,

De madrugada, quando a angústia
Veste de chuva morna, e é viúva,
Certo Cavalcanti ou Albuquerque
Voltava a casa, murcha a febre.
(...)

3.
A noite na ponte é sem diques,

mais numa ponte do Recife.
A ponte a custo se defende,
Esgueirando-se frágil, entre

Massas cegas, nuvens de treva
Que a esmagam pelas costelas:

Não há sequer a companhia
De janela que se abria.
(...)
(MELO NETO, 2011, p.54)

Das paisagens retratadas por Andrade (1987) e por Cabral (2011) há uma diferença substancial, tanto no que tange à forma poética articulada por ambos, quanto no que se refere à paisagem urbana retratada, tendo em vista que o Recife urbano de Cabral não será retratado com o mesmo grau de caoticidade com o qual tratou Mário de Andrade para falar do crescimento urbano de São Paulo, haja vista que São Paulo e Recife estão localizadas em regiões diferentes do Brasil e tiveram, historicamente, uma crescimento urbano muito distinto. Tal observação corrobora com o que Milton Santos (2006) apontou ao tratar da noção de “idade de um lugar” na sua obra *A natureza do Espaço*, lá ele diz que

(...) Cada objeto ou ação que se instala se insere num tecido preexistente e seu valor real é encontrado no funcionamento concreto do conjunto. Sua presença também modifica os valores preexistentes. Os respectivos “tempos” das técnicas “industriais” e sociais presentes se cruzam, se intrometem e acomodam. Mais uma vez, todos os objetos e ações veem modificada sua significação absoluta (ou tendencial) e ganham uma significação relativa, provisoriamente verdadeira, diferente daquela do momento anterior e impossível em outro lugar. É dessa maneira que se constitui uma espécie de tempo do lugar, esse tempo espacial (Santos, 1971) que é o outro do espaço. (SANTOS, 2006, p. 37, grifos do autor)

Ou seja, a percepção temporal e espacial de um indivíduo que pretende recriar os espaços de um determinado lugar será relativa não só ao que tange às forças coercivas que caracterizam a dinâmica de construção espacial desse lugar, mas também ao ritmo em que essa dinâmica é percebida. Assim, a cidade de São Paulo urbana de Mário de Andrade no início do século XX não será o Recife urbano do final desse século. Nesse sentido, as experiências distintas com o lugar é que vai marcar as distinções e semelhanças que podem ocorrer nas representações espaciais literárias e que assinalam as relações já expostas em torno do vivenciamento das fronteiras externas do indivíduo no procedimento de criação estética.

O espaço urbano recifense em seu adensamento poético

Recife foi formalmente fundada em 12 de março de 1537, junto com Olinda. Ambas ocupavam posição estratégica no modo extrativista praticado por Portugal no início da colonização, isso devido ao seu relevo litorâneo que favorecia a chegada e saída de navios do país.

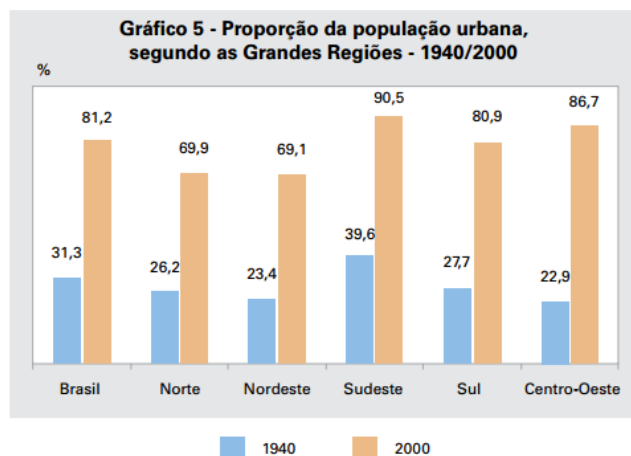
Embora Recife façaparte de uma totalidade que é o Brasil, a forma como a cidade foi construída, desconstruída e reconstruída nos períodos de dominação portuguesa, holandesa e novamente portuguesa interferem na forma como o indivíduo veio, ao longo do tempo, construindo sua relação com o espaço, com sua noção de pertencimento.

Assim como ocorreu com o restante do país, a sua ocupação se deu de forma desordenada no que tange ao planejamento arquitetônico e urbanístico, salvo o período de dominação holandesa, no qual foi erguida, por exemplo, a primeira ponte de grande porte do Brasil, a ponte do Recife que hoje se chama Maurício de Nassau² e é mencionada no poema de Melo Neto (2011) ao qual nos referimos anteriormente. De lá até os nossos dias, houve uma gradativa transformação do espaço urbano, sobretudo no que se refere à concentração populacional nos centros urbanos. Um fenômeno mundial que interferirá, sobremaneira, na forma como o indivíduo lidará com o espaço, com o outro e consigo mesmo. Sobre tal fenômeno, Gonçalves et al. (2012) aponta,

O século XXI constitui-se em um marco fundamental da história das cidades: a partir de 2008, 50% da população mundial vivem em áreas urbanas. (...) Questões como as formas de ocupação e apropriação dos espaços micro e macroacessibilidade, a garantia de direitos fundamentais, (des)integração social, impactos ambientais, sustentabilidade, acesso ao desenvolvimento e às políticas públicas, são objeto de investigação das mais diversas áreas do conhecimento nos dias de hoje. (GONÇALVES et al., 2012, p.2)

O fenômeno apontado acima é ratificado pelo censo demográfico 1940/2000 produzido pelo IBGE e que aponta o crescimento da população urbana no Brasil desde 1940. Ou seja, de 1940 até o ano 2000, a concentração populacional em áreas urbanas teve crescimento significativo, como aponta o gráfico abaixo:

² “Foi a primeira ponte de madeira construída sobre o rio Capibaribe, e a primeira ponte de grande porte no Brasil, inaugurada em 28 de fevereiro de 1643, sob a administração do príncipe holandês Maurício de Nassau.” (MACHADO, Regina Coeli Vieira. *Ponte Maurício de Nassau*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 17 nov. 2015)



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1940/2000.

Outro dado importante que esse gráfico nos aponta é a diferença entre a concentração populacional em áreas urbanas no ano de 1940 segundo as grandes regiões, pois se em 1940 a população urbana era de 23,4% no Nordeste, no Sudeste essa concentração já era de 39,6%, ou seja, em termos de concentração populacional em áreas urbanas, a região Sudeste foi a que esteve, desde o início do século XX, a frente das outras regiões do Brasil, o que aponta para a relação que se procura estabelecer aqui, de que a produção literária brasileira e a forma como os espaços são recriados por meio dela têm profunda relação com a forma como os espaços geográficos foram ocupados e são representados.

Do Recife mítico da infância de Manuel Bandeira, do Recife em crescimento e receptor do indivíduo proveniente da zona rural de Melo Neto ou ainda do Recife dos engenhos e das assombrações de Gilberto Freyre, o que nos vem como construção espacial aponta para uma dinâmica de vivenciamento de uma cidade que se urbaniza paulatinamente. Assim, os espaços do Recife estarão, inicialmente, representados de acordo com a experiência das atividades cotidianas de um indivíduo que reconhece a si nos espaços pelos quais circula, como apontam os dezenove versos da primeira estrofe do poema “Evocação do Recife” de Manuel Bandeira (1993):

Recife
 Não a Veneza americana
 Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais
 Não o Recife dos Mascates
 Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois
 — Recife das revoluções libertárias
 Mas o Recife sem história nem literatura
 Recife sem mais nada

Recife da minha infância
A rua da União onde eu brincava de chicote-queimado
e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas
Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê
na ponta do nariz
Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras
mexericos namoros risadas
A gente brincava no meio da rua
Os meninos gritavam:
Coelho sai!
Não sai!

(BANDEIRA, 1993,p. 133)

A representação espacial do Recife nesse poema de Bandeira assinala o início de uma ressignificação da relação que o indivíduo terá com o seu lugar de pertencimento, já que os primeiros versos marcam uma negação da visão estereotipada vivenciada por ele nos meios em que circulava. É importante a observação de que Bandeira morou durante muitos anos em Petrópolis no Rio de Janeiro, assim como esteve antes em tratamento na Suíça, onde teve contato com os poetas vanguardistas europeus. Por experiências semelhantes passaram Gilberto Freyre e João Cabral de Melo Neto que não residiu no Recife depois de suas atividades como diplomata, mas escreveu sobre ele. Desses três, Freyre foi o que esteve morando mais tempo em Recife. Ele residiu na sua casa no bairro de Apipucos até o dia de sua morte.

Depois de João Cabral, Alberto da Cunha Melo (1942 - 2007), poeta da chamada “Geração de 65”, terá o espaço urbano recifense como horizonte de vivenciamento de seus personagens, sobretudo no seu poema de ecos épicos *Yacala* (2003). Acercados temas em Cunha Melo, a estudiosa Isabel de Andrade Moliterno em sua tese *Imagens, reverberações na poesia de Alberto da Cunha Melo: uma leitura estilística* (2008) afirma:

A temática social é marcante, assim como uma tendência às reflexões de cunho metafísico, a indagações sobre a existência humana – vida e morte – e seu papel em uma ordem maior. O homem está sempre no centro das atenções. Mas existe uma busca constante de integração com a natureza, sempre presente em imagens de água (mar, rio, chuva), terra (lama, pedra, areia, vegetação), céu, fogo, animais. (MOLITERNO, 2008, p.42)

Essa integração do indivíduo com o meio, com o lugar em que vive é ainda mais aprofundada pelo movimentoliterário que, nas décadas de 80 e 90, se apartam de uma tendência academicista fundada pela geração de 65 e, alimentada por declamações, performances, publicações de zines e obras independentes, fundam uma nova relação do indivíduo com o espaço poeticamente recriado. Dessa geração que nasce junto com a estética “mangue-beat” articulada por poetas e músicos recifenses, destacamos a

poesia de José Carlos Farias Silva, o Malungo, cuja relação com os processos de urbanização desordenada é assinalada com honestidade e tenacidade na sua obra independente *O terceiro olho usa lente de contato* (2003), de onde destacamos o poema “Obra versificada não identificada”:

Ao som de um hino evangélico,
Surge um boi mameluco: boi de fita.
Um boi maluco. Psicodélico:
Que rumina saudades e defeca solidão.
Xabu nos computadores e o mofo deu nos cd's.
“Deu o zererê”, “cachorro em 90”: bundalelê.
... E o artista continuou discriminado e jogado “à boléu”.

Fidalgos mendigos jantando pão com pão no Cinco Pontas.
... E lá se vai a tua cabeça a boiar nas águas do Capibaribe.
Ela está bêbada por ter enchido a cara de vinhoto no bar Savoy.
Ela está inchada pela derrota do time do coração ...
Mas pula da água suja para o calçamento
Escaldante e sai dançando ao som de um maracatu
Afrociberdólico pela rua da Imperatriz.

Todos os termômetros da cidade enlouqueceram!
Eles marcam zero grão de terra na cara dos “Sem”.
E vem você de novo, fazendo bamburim de xoxota.
Pena que você não nota
Que o prêmio é dividido por mais de cem:
Uma “tuia” de macho esperando numa fila sem fim.
(...)
(MALUNGO, 2003, p.17)

Comparando como o espaço urbano recifense é representado nos poemas de Cabral e Bandeira com o de Malungo, fica subjacente a noção de que esse último poeta trabalhará uma multireferencialidade que amplia a significação do seu poema diante das sensações que se têm quando estimulados por uma dinâmica urbana multicultural marcada pelo rápido crescimento populacional de 1940 até 2000, para retomarmos o gráfico do IBGE citado anteriormente. Levando em consideração que “O aumento da população total, da população urbana e da produção industrial não se deve à influência do movimento próprio das parcelas localizadas nas diferentes regiões, mas ao movimento global decorrente das forças mais gerais responsáveis pela distribuição geográfica das diversas variáveis sobre o conjunto” (SANTOS, 2006, p. 74) pode-se enxergar o modo urbanização recifense dentro de uma totalidade, ou seja, como parte de uma “nova ordem mundial” que funda novas relações do indivíduo com o espaço em que habita. Isso fica muito significado na forma como Malungo recria os espaços urbanos de Recife dialogando com outro poeta/músico fundador da estética que revolucionou o modo de fazer música e pensar a cidade e o espaço urbano. Trata-se de Francisco de Assis França (1966 – 1997), o Chico Science.

Nos anos que estive em atividade poética e musical a frente do projeto “Chico Science & Nação Zumbi”, Francisco de Assis França gravou dois discos: *Da lama ao Caos* (1994) e *Afrociberdelia* (1996). De amplo alcance, nacional e mundial, a estética das canções que compõem os dois álbuns é um híbrido que utiliza recursos da cultura popular orgânica que se desenvolveu no Recife, sobretudo, em suas periferias, e das referências artísticas musicais que aqui chegaram por meio de discos e fitas K7. A articulação de Science no modo de construção estética na qual consiste o Mangubeat pode ser relacionada ao profundo diálogo firmado entre poetas e músicos nos Estados Unidos nas décadas de 60 e 70. A chamada geração *beat*, que “se formou com o jazz bop e se expressou através do rock – e de música pop, balada country, blues, rap e criações de vanguarda, experimentais” (WILLER, 2009, p. 13) funcionou nos Estados Unidos, como funciona o Mangubeat em Recife. Essa estética articulada por Science é, de acordo com Moisés Neto (2007) em *A rapsódia Afrociberdélia*, um movimento de vanguarda poético/musical que mudará a forma com a qual os poetas e músicos lidarão com a atividade artística, já que esse olhar voltado para a cidade entendendo-a como parte de uma totalidade influenciará a forma como o recifense enxergará a si mesmo.

Sobre Science, Neto (2007) aponta que seus ídolos eram “James Brown, Sugar Hill Gang, Kurtis Blown, Grand Master Flash, e outros grandes músicos da *Black Music*” (NETO, 2007, p. 97), ou seja, embora sua massa de arquitetura poética seja a cidade e seus espaços, sobretudo Recife, suas influências musicais dialogam em alguma medida com a estética que fundou a geração *Beat* americana.

Em canções como “A cidade” registrada no álbum *Da lama ao caos* (1994), Science, assim como o fez Malungo, aprofunda ainda mais as significações inerentes à forma como o indivíduo se relaciona com o espaço urbano por meio de uma construção imagética que remonta ao crescimento desordenado de uma cidade que se desenvolve aterrando o mangue numa expansão acelerada que acentuará ainda mais o abismo social entre dominados e dominantes. Vejamos:

- 1 O sol nasce e ilumina as pedras evoluídas
 - 2 Que cresceram com a força de pedreiros suicidas
 - 3 Cavaleiros circulam vigiando as pessoas
 - 4 Não importa se são ruins, nem importa se são boas
 - 5 E a cidade se apresenta centro das ambições
 - 5 Para mendigos ou ricos e outras armações
 - 6 Coletivos, automóveis, motos e metrô
 - 7 Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs
 - (...)
- (SCIENCE, 1994, 4ª faixa)

No primeiro ao sétimo verso da primeira estrofe do poema da canção “A cidade”, pode-se ter uma dimensão das imagens que compõem o imaginário dos indivíduos que produzem arte e estão sobre influência do modo de desenvolvimento urbano em Recife no final do século XX e início do século XXI. Essa visão caótica de uma cidade que cresce com a “força de pedreiros suicidas” cujos espaços se verticalizam para atender ao crescimento populacional com habitações preenchidas por “trabalhadores, patrões, policiais, camelôs” que utilizam os “Coletivos, automóveis, motos e metrô” como meios de transportes para manutenção de um sistema econômico que transformou as cidades em “centros das ambições”, será não só a base conteudística e temática de Science em seus poemas/canções, mas também ponto axiológico de resignificação do indivíduo recifense e sua noção de pertencimento, sobretudo no século XXI.

O múltiplo uso do espaço, a ocupação desordenada que expressa poder no sentido de dominação, marca, também de modo múltiplo, uma construção territorial, que, nesse sentido, é imagetivamente construído pelos poetas e permite tanto o avanço em relação à construção da noção identitária de pertencimento quanto registra o modo como a paisagem de uma cidade pode ser recriada ao longo de sua existência no espaço/tempo. O modo relacional subjacente à noção de território e lugar, dessa forma, estará implicado também no modo de construção, significação e resignificação poética diante da estética dos poetas recifenses. A cidade é, assim, um ponto axiológico geossimbólico que remonta ao modo como as diferentes ações e usos podem ser massas significativas na arquitetura poética tanto no que se refere ao indivíduo quanto no que diz respeito a uma coletividade que dialoga esteticamente.

Pura-ponta-de-lança: a poesia, o espaço urbano e a desconstrução da ordem

O modo como o indivíduo no século XXI se relaciona com o espaço/tempo é marcado pela relatividade, fragmentação e caoticidade. Ou seja, a forma como o tempo e o espaço serão percebidos são relativas às experiências de um indivíduo que lida de forma cada vez mais diversa com a sua existência, haja vista a oscilação no modo como tempo é sentido, sobretudo por indivíduos habitantes de centros urbanos. No caso de Recife, como foi dito anteriormente, a ocupação urbana se deu de forma desordenada e seguiu um ritmo próprio que fez com que a relação do homem com o espaço urbano fosse um dado importante para a fundação de uma estética reconhecida, citada e estudada. Assim, o Mangubeat pode ser observado como sendo um desdobramento do movimento antropófago fundado por Oswald de Andrade, já que, ao alimentar-se das próprias entranhas identitárias e culturais, Science promove um adensamento da relação do homem com a cidade.

O crescimento desordenado da cidade do Recife, já nesse século, é estudado e documentado por diversas linhas de pesquisa do Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco, cujo periódico *Revista de Geografia* tem publicado pesquisas relacionadas ao modo de ocupação urbano que é também esteio temático para produção poemático/musical de Sérgio Veloso de Oliveira, chamado Siba. No artigo: *Impactos Socioambientais gerados pela Via Mangue (Recife – PE) e análises das desigualdades socioespaciais*, Andrade e Pereira (2014) identificam e analisam como se deram as modificações ambientais e sociais geradas pela obra de expansão da malha viária recifense Via Mangue³ tendo os anos de 2012 e 2013 como base. Nesse estudo, elas identificaram o fenômeno de segregação do espaço urbano como um dado significativo no desenvolvimento urbano do Recife e apontam uma correlação entre a degradação socioambiental em detrimento de uma crescente especulação imobiliária.

Face esse contexto, podemos sublinhar que o modo de urbanização recifense será princípio de questionamento não só dos estudiosos da geografia, mas também dos artistas herdeiros do legado estético manguebeat cujas articulações poéticas já começam a encorpar um dado conteudístico significativo de natureza geossimbólica: a recriação do espaço urbano e a inquietação diante dele.

Sérgio Veloso de Oliveira, o Siba, iniciou sua carreira artística em 1992 junto com o grupo Mestre Ambrósio. Contemporâneo de Science, Siba quando da dissolução do grupo citado, procurou conhecer mais profundamente o modo de articulação do Maracatu de Baque Solto, ou Maracatu Rural, indo morar no município da zona da mata pernambucana Nazaré da Mata. Lá, através de estudo e contato com os mestres de maracatu, Siba aprendeu o ofício do versejar etornou-se mestre maracatuzeiro e cirandeiro. Dessas experiências poéticas, do contato com determinadas métricas e modos de construir versos na oralidade, Siba acabou por internalizar um modo de articulação artística que o põe num *locus* estético específico, haja vista que, em sua prática como compositor, afirma, em *Siba Nos Balés da Tormenta*⁴ (2012), um filme de Caio Jobim e Pablo Francischelli, ser a poesia a sua prioridade quando da sua articulação artística, já que enxerga nela um “valor em si”. Da música para a poesia, talvez seja Siba quem guarde relação mais íntima com os modos de arquitetura lírica. Sua preocupação com a tessitura dos versos nos poemas de suas canções demonstra uma priorização da palavra aliada à melodia, assim como faziam os gregos e as tradições literárias em que o suporte para publicização poética era a voz do ledor, trovador ou ator. Feita para ser ouvida, a poesia de Sérgio Veloso de Oliveira é repleta de imagens que remontam a paisagem, o modo de vida e cultura da Zona da Mata, contudo essa preocupação com o verso, com o modo de construí-lo, com a musicalidade neles, também confere uma significativa força metapoética, como se pode notar em “Verso Preso”, registrada no seu álbum *Avante* (2012):

³ Via Mangue é um empreendimento de grande porte e custo elevado localizado no litoral sul do Recife capital do estado de Pernambuco, com grande adensamento populacional e diferentes níveis de renda. Dentre as áreas afetadas pelo empreendimento temos a bacia do Pina, os bairros do Pina e de Boa viagem, sendo estes ambientes, assim como a própria cidade, desenvolvidos em meio a aterros e desmatamento de áreas de manguezal. (ANDRADE & PEREIRA, 2014, p. 28)

⁴ O filme citado pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=i7YFpNUwCf0>

Um verso preso é um tiro
Que a arma não disparou
Pois o gatilho emperrou
E o tambor não deu o giro
Se escuta só o suspiro
De alguém que escapa assombrado
E o atirador, frustrado
Remói a raiva no dente
Sentindo o mesmo que sente
Alguém que foi baleado
(SIBA, 2012, 8ª faixa)

O modo de registro da produção poética de Siba é o sonoro. Sua poesia constrói de forma consistente a corrente anímica a qual Staiger (1977) se refere ao caracterizar o lírico em *Conceitos Fundamentais de Poética*. Em sua arquitetura literária, ora a disposição das palavras constrói relações metafórico/alegóricas profundas como em “Depois do fogo restam só fumaça e brasa / E eu tiro as cinzas do meu peito nu / Daqui à pouco meus dois braços serão asas / e eu me levando renascido e cru” (2012, 1ª faixa), ora há a articulação de uma narrativa popular, como em “A bagaceira”: “Dei uma pirueta / Pulei do portão pra fora / Depois soltei meu grito/ Ou vai, ou racha, ou se tora” (2012, 5ª faixa).

“Marcha Macia” registrada em áudio no álbum *De baile solto* (2015), por sua vez, é um poema no qual as relações socioambientais em face a um modelo de desenvolvimento social urbano são imagetivamente construídas com base numa enunciação cujo sujeito ouvinte somos todos nós. Vejamos:

Marcha Macia

Siba

1 Acorda, amigo, o boato era verdade,
4 A nova ordem tomou conta da cidade
5 É bom pensar em dar no pé quem não se agrada
6 Sendo você eu me acomodaria...
7 Não custa nada se ajustar às condições
8 Estes senhores devem ter suas razões
9 Além do mais, eles comandam multidões
10 Quem para o passo de uma maioria?

11 Progrediremos todos juntos, muito em paz
12 Sempre esperando a vez na fila dos normais
13 Passar no caixa, voltar sempre, comprar mais
14 Que bom ser parte da maquinaria!
15 Teremos muros, grades, vidros e portões
16 Mais exigências nas especificações
17 Mais vigilância, muito menos exceções
18 Que lindo acordo de cidadania!

- 19 Sai!
20 A gente brinca, a gente dança
21 Corta e recorta, trança e retrança
22 A gente é purapontadelança
23 Estrondo, marcha macia!
- 24 Vossa excelência, nossas felicitações
25 É muito avanço, viva as instituições!
26 Melhor ainda com retorno de milhões
27 Meu Deus do céu, quem é que não queria?
28 Só um detalhe quase insignificante:
29 Embora o plano seja muito edificante
30 Tem sempre a chance de alguma estrela irritante
31 Amanhecer irradiando dia!
- (SIBA, 2015, 1ª faixa)

Esse oscilar entre a dimensão metafórica de maior grau e a referencialidade da narrativa que possibilita uma recepção mais substancial e imediata é uma marca da articulação poética de Siba. Isso possibilita uma ampliação do seu alcance artístico no que tange ao público essencialmente ouvinte e também ao público leitor, ou seja, estar entre a caoticidade metafórica e a referencialidade narrativa faz a sua poesia ter livre trânsito no que diz respeito à recepção. Assim, não é preciso ser especialista ou saber de teorias para ser tocado pela sua poesia. Todavia, o desvendar de seus recursos estéticos e, principalmente, das imagens metalinguísticas, revelam que a sua consciência de arquitetura poética está atrelada a uma tradição lírica que reconhece a palavra como força motriz de existência, como se pode ver no trecho do poema “Avante” (2012):

(...)
Palavras são como almas
Que a luz ampara e anima
Bailando desordenadas
Em baixo, ao lado e em cima
Refletidas nos espelhos
Dos vãos da casa da rima

Imagens são balões presos
Por um cordão que se tora
Porque poesia é presença
De um vulto que não demora
O canto espalha no vento
E o tempo desfaz na hora
(...)
(SIBA, 2012, 9ª faixa)

Embora “Marcha Macia” seja um poema que trabalhe com as referencialidades narrativas e caminhe numa linearidade imagética, comportamental e arquitetônica, já que a articulação sintática na maioria dos versos não promove inversões ou desconstruções facilitando o entendimento do ouvinte no que tange ao conteúdo que, nesse caso, será priorizado, há na sua construção a utilização de recursos estilísticos que promovem tensões significativas. O uso de versos que procuram construir orações sintaticamente independentes entre si na primeira estrofe, por exemplo, é um dado importante que ratifica essa observação. A utilização do vocativo “amigo” na primeira estrofe bem como da articulação imperativa do verbo acordar, dessa maneira, convida o ouvinte/leitor a inserir-se no contexto apresentado, a se ver diante das situações que são colocadas. Esse efeito também será articulado pelas expressões de uso desgastado como “dar no pé”, “sendo você” e “a gente”, elas que são largamente articuladas no âmbito da oralidade e promovem essa aproximação que foi referida anteriormente.

Ao convidar o ouvinte/leitor a se colocar na situação de acomodação significada nos versos 5 ao 9, Siba, ao mesmo tempo em que apresenta um contexto de apatia do indivíduo em relação aos eventos decorrentes da “nova ordem” que “tomou conta da cidade”, sugere um movimento de alteridade comum à essência poética por meio da ironia latente no verso 6 “Sendo você, eu me acomodaria”, característica também observada nos versos 7, 8 e 9.

A segunda estrofe amplia o grau da ironia e apresenta um contexto de coletividade no qual os indivíduos fazem parte de um sistema de consumo cuja sensação de paz é alimentada por uma necessidade de se enquadrar em um determinado padrão. A imagem aqui construída é a de indivíduos que esperam sempre a sua vez da fila dos “normais” e fazem parte da “maquinaria”. Essa situação de acomodação diante das transformações sociais são típicas de indivíduos que estão submetidos a condições de opressão tão brutas que não percebem que fazem parte dessa maquinaria a qual o poeta se refere. Haja vista que necessidades humanas básicas como: subsistência, procriação, ócio, proteção, afeto, entendimento, liberdade, identidade e comunicação não são experienciadas em sua totalidade pela maioria da população no Recife dos grandes empreendimentos Imobiliários. Um dado que comprova o exposto é o modo como muitos moradores das comunidades Beira Rio, Jardim Beira Rio (Pina), Pantanal, Paraíso/Deus nos acuda e Xuxa “que estavam na área onde hoje está a via (Via Mangue), habitando palafitas nas margens de estuários, não possuindo os serviços básicos de infra-estrutura” (ANDRADE e PEREIRA, 2014, p. 33) se comportam diante de suas transferências para conjuntos habitacionais de estrutura inacabada onde “Não foram oferecidos acesso a hospitais, escola pública de qualidade, nem se cogitou um plano para inserção da população no mercado de trabalho” (ANDRADE e PEREIRA, 2014, p.35). Tendo em vista que “a população entrevistada sentiu-se beneficiada e satisfeita com o habitacional, por agora possuem endereço definido”, nesse sentido, “Apesar dos problemas, os

moradores mostraram preferência em residir neste local ao invés do mangue” (ANDRADE e PEREIRA, 2014,). Essa característica comportamental dos moradores transferidos por ocasião da construção da Via Mangue no Recife é justamente esse “acordo de cidadania” significado em “Marcha Macia”. O estado de letargia que marca o comportamento dos indivíduos significados no poema de Siba e no estudo de Andrade e Pereira (2014) é, nesse sentido, parte de um contexto sistemático maior no qual se percebe que

(...) o espaço é, antes do mais, especificação do todo social, um aspecto particular da sociedade global. A produção em geral, a sociedade em geral, não são mais que um real abstrato, o real concreto sendo uma ação, relação, ou produção específicas, cuja historicidade, isto é, cuja realização concreta somente pode dar-se no espaço. (SANTOS, 2006, p. 77).

Milton Santos (2006) ao tratar da noção de totalidade em *A natureza do Espaço*, assinala, dessa forma, que a noção de espaço está relacionada a especificações de um todo social. Seguindo essa perspectiva, o apontamento de especificidade que aqui procuramos observar como sendo o ponto axiológico geossignificativo na poesia de Siba diz respeito à dimensão humana frente aos acordos de cidadania que surgem com as formas de urbanização no Brasil do século XXI, contexto esse em que a ocupação dos espaços tem fundado crises territoriais que vão desde um contexto mais específico de ocupação, como no caso pesquisado por Andrade e Pereira (2014), até a observação de uma tendência política higienista, de natureza mais ampla, que subjaz ações públicas que objetivam transformar a sensação de “paz” em embuste para o cerceamento das liberdades conferindo aos indivíduos o rótulo da normalidade e a falsa noção de equidade.

De lama e de caos, a desordem estabelecida e a poesia residual

Diante da falta de perspectiva, os moradores das comunidades Beira Rio, Jardim Beira Rio (Pina), Pantanal, Paraíso/Deus nos acuda e Xuxa já realizam processo de reocupação do espaço em que habitavam. Assim, a cidade que se tentou redesenhar diante dos muitos avanços promovidos pelas instituições vai aprofundando as suas fraturas sociais ao passo que o poeta, em meio ao caos, canta a resistência, o questionamento e a necessidade de lutar. O homem coletivo cantado por Science, nesse sentido, está mais vivo que nunca e faz parte de uma tendência artística em que a poesia tem forte expressão, sobretudo nas manifestações que se fenomenalizam através da oralidade.

As implicações históricas, sociais, culturais, poéticas e simbólicas das relações que o indivíduo estabelece com todo um processo multirreferencial de experiência com a urbanização em Recife, sobretudo, nos séculos XX e XXI, incidem sobre o imaginário do poeta, antena da raça, como diria Pound

(1970), que, ao fenomenalizar as experiências, está, concomitantemente, comprometido com demandas de ordem coletiva e individual articulando a alteridade essencial que Bakhtin (2003) aponta como característica básica para a atividade estética. Tendo em vista a forte carga de ironia nos versos de “Marcha Macia” diante das imagens construídas, fazer esse movimento de alteridade, de se pôr no lugar do outro e enxergar-se nele, é exercício mais que necessário. Desse modo, espera-se articular a desconstrução que permita a ressignificação das relações que se estabelecem com a cidade. Portanto, nesse contexto, a gente “pura-ponta-de-lança” é quem brinca, dança, corta, recorta, trança, retrança e resiste à manutenção de um sistema em que o homem é preterido em detrimento das coisas. Pois se a Via Mangue foi construída para beneficiar grandes empreendimentos imobiliários nos bairros de Boa Viagem e da Imbiribeira, cujas habitações são inacessíveis à grande maioria da população recifense e provocou sérios danos socioambientais já apresentados em pesquisa, pode ser através da inquietação artística que a retomada da autonomia seja articulada e o quadro de apatia social seja redesenhado.

Frente a esse contexto, ser “pura-ponta-de-lança” significa caminhar no sentido contrário dessa nova ordem que se pretende condição *sine qua non* para manutenção de um progresso. Essa tendência *neopositivista*, por assim dizer, que procura arrolar indivíduos em rótulos sem considerar-lhes as especificidades, sem enxergá-los como agentes importantes na transformação social, é justamente o que precisa ser desconstruído.

Desse modo, diante das percepções espaço/temporais que constroem os horizontes de vivenciamento externo do poeta, vê-se um Recife cuja urbanização se dá de forma desordenada, caótica e irreversível. E, embora os grandes empreendimentos tentem inscrever uma ordem de verticalização e concreto, a lama continua fecunda a nutrir uma poesia que resiste a resguardar paisagens, palavra e história.

O Capibaribe, já referenciado por Bandeira e Malungo, é rio prenhe de lama e nele boia o pensamento do poeta que reconstrói suas referências. Recife, essa cidade passada pelo rio retratado por João Cabral de Melo Neto (2007) em “Cão sem Plumas”, será ponto axiológico ainda para muitos poemas, pois enquanto houver lama, caos e palavra, haverá poesia.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, LorraineRegys de; PEREIRA, Monica Cox de Britto. Impactos Socioambientais gerados pela Via Mangue (Recife-PE) e análise das desigualdades sócioespaciais. **Revista de Geografia** (UFPE), v. 31, n. 2, 2014.

ANDRADE, Mário. **Poesia completa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; trad. Joaquim José Moura Ramos (et al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**, 20. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GONÇALVES, Natália Martins; ROTHFFUS, Rainer; MORATO, Rendy Souza. A organização e a ocupação do espaço urbano nas cidades do século XXI: impactos das políticas públicas do Brasil dos anos 90 no direito de ir e vir no ambiente local. **Amicus Curiae**, v.9, n. 9, 2012. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/index.php/amicus/article/viewFile/875/829>

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 22 de Nov. 2015.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tendências demográficas no período de 1940/2000**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/comentarios.pdf. Acesso em: 22 de Nov. 2015.

JOBIM, Caio, FRANCISCHELLI, Pablo. **Siba – Nos Balés da Tormenta**. produção: Doble Chapa Cinematografia, co-produção: Fina Produção, Fábrica Estúdios, Tv Zero, El Desierto Filmes e Estúdio Maloca. Patrocínio: Fundarpe / Governo do Estado de Pernambuco, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i7YFpNUwCf0>. Acesso em: 22 de nov. 2015.

MELO NETO, João Cabral de. **Crime na calle relator; Sevilha andando**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

MELO NETO, João Cabral de. **O cão sem plumas**. Prefácio de Armando Freitas Filho; estabelecimento do texto e bibliografia de Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

MOLITERNO, Isabel de Andrade. **Imagens, reverberações na poesia de Alberto da Cunha Melo: uma leitura estilística**. 2008, 209 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-07072008-095609/publico/TESE_ISABEL_DE_ANDRADE_MOLITERNO.pdf. Acesso em: 22 nov. 2015.

NETO, Moisés. **Chico Science – A rapsódia Afrociberdélica**. Recife: Edições Ilusionistas, 2007. Disponível em: <http://www.moisesneto.com.br/arapsodiaafrociberdelica.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2015.

OLIVEIRA, Sérgio Veloso de (Siba). **Avante**. São Paulo: Estúdio Totem, 2012.

OLIVEIRA, Sérgio Veloso de (Siba). **De baile solto**. São Paulo: YBmusic, 2015.

PAGEAUX, Daniel-Henri. **Musas na Encruzilhada**: ensaios de Literatura Comparada. Org. Marcelo Marinho, Denise Almeida Silva, Rosane Ketzner Umbach. São Paulo: Hucitec; Santa Maria: UFSM, Frederico Westphalen: URI, 2011.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. Tra d. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção, 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCIENCE, Chico (& a Nação Zumbi). **Da lama ao Caos**. Rio de Janeiro: Estúdio nas Nuvens, gravadora Chaos, 1994.

SILVA, José Carlos Farias (Malungo). **O terceiro olho usa lente de contato**. Recife: Editora Coqueiro, 2003.

STAIGUER, Emil. **Conceitos fundamentais de poética**. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

WILLER, Claudio. **Geração Beat**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Recebido em setembro /2016.

Aceito em dezembro /2016.